

lamitos), e barras de canal (arenitos com estratificação cruzada), em clima semi-árido (Fernandes, 1992). Tal ambiente foi o mais favorável à vida na Bacia Bauru, posto que a unidade detém o mais importante e diversificado registro fossilífero do Grupo Bauru. Dados paleontológicos, geocronológicos, assim como a correlação com a sedimentação na Bacia de Santos, indicam-lhe idade turoniana-maastrichtiana (Ks). — (8 de dezembro de 1992).

* Trabalho desenvolvido com auxílio da FAPESP (Proj. geologia 8727/22-7).

** Bolsista do CNPq.

UM SABKHA LITORÂNEO HOLOCÊNICO NO CABO DE SÃO TOMÉ, RJ

ARMANDO MÁRCIO COIMBRA^{1*}, JORGE HACHIRO² E CLÁUDIO RICCOMINI^{1*}

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹ DPE – Instituto de Geociências – USP, São Paulo, SP

² DIGEO – Instituto de Pesquisas Tecnológicas, São Paulo, SP.

A ocorrência de sedimentos lagunares, com gipsita no interior do antigo delta do Rio Paraíba do Sul, região do Cabo de São Tomé, RJ, foi assinalada por A. R. Lamego em trabalhos realizados no período entre 1937 e 1938.

Os cristais de gipsita, mais propriamente selenita, apresentam formas prismáticas lamelares centimétricas e estão contidos em camada argilosa (20-50 cm) com teores entre 8-24% abaixo de um solo de 25 cm. Subacente aos evaporitos, tem-se depósitos de areias com moluscos com idades entre 7,3 e 2,8 mil anos A. P. (Martin & Suguio, 1989).

A deposição da selenita estaria relacionada ao desvio do curso do rio Paraíba do Sul para nordeste, com a interrupção do aporte fluvial para a laguna. Posteriormente, com a interrupção da contribuição oceânica devido ao bloqueio imposto pela restinga, a sedimentação terrígena passa a ser episódica, relacionada com tempestades, com a entrada intermitente de águas salgadas até a recomposição do cordão de isolamento. São estabelecidas então as condições intrínsecas à formação de uma bacia restrita de baixa taxa de sedimentação terrígena e gradual aumento de salinidade ou *sabkha* litorâneo.

A atividade de algas propiciou a deposição de carbonatos magnesianos nas bordas da laguna. Posteriormente, foram concentrados sais (gipsita) em sua porção central com a ressecção imposta pelas condições de semi-aridez climática de caráter regional bem marcadas sobretudo entre 3,9 e 2,8 mil anos A. P. (Suguio *et al.*, 1985). — (8 de dezembro de 1992).

* Bolsistas do CNPq.

ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DAS GLOSSOPTERÍDEAS NO GRUPO PASSA DOIS, BACIA DO PARANÁ, PERMIANO SUPERIOR*

ROSEMARIE ROHN¹ E OSCAR RÖSLER²

¹ Docente do IGCE/UNESP e pós-graduanda do IG/USP.

² Docente do IG/USP.

A distribuição horizontal e vertical¹ de glossopterídeas no Grupo Passa Dois foi largamente condicionada por fatores tafonômicos e ecológico-climáticos. Com a descoberta de mais 23 ocorrências desses fósseis, são conhecidas, no total, quatro na Formação Teresina (PR), uma na Formação Corumbataí (SP) e 46 na Formação Rio do Rasto (SC e PR). Nas unidades mais antigas do grupo, foram encontrados apenas troncos atribuíveis a glossopterídeas, sugerindo que os respectivos sítios deposicionais estavam fora do alcance das folhas. Nas formações Teresina e Corumbataí, as espécies resumem-se a *G. taeniopteroidea*, *G. indica* e *Ilexoidephyllum permicum*. Muitos vegetais, ainda que disponíveis nos respectivos paleoambientes, podem ter sido destruídos por ondas e intensa bioturbação. Essa interpretação deve valer também para depósitos da Formação Rio do Rasto, principalmente do nordeste do Paraná. Os horizontes mais ricos em glossopterídeas registrados entre o centro-leste do Paraná e o norte de Santa Catarina, coincidem aproximadamente com as primeiras litologias avermelhadas que sucedem o pacote com os bivalves da assembléia *Leinzia similis*. Predominam *G. riorastensis* e *G. cf. G. surangei*, entre outras 18 espécies, além de *I. permicum*. Quase todas as concentrações de vegetais provavelmente estiveram relacionadas à sedimentação lacustre próximo a desembocaduras de rios, que proporcionaram o seu transporte e sepultamento rápido. Subindo na seqüência, as glossopterídeas tornam-se subsidiárias em relação a

esfenófitas e filicíneas que, no entanto, também escasseiam no terço superior da formação, provavelmente devido à instalação de clima mais seco.
— (8 de dezembro de 1992).

* Pesquisa realizada com o auxílio financeiro da FAPESP (Proc. 89/3434-0).

PALINOLÓGIA DOS CARVÕES PALEOZOÓICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. II – O CARVÃO DE MONTE MOR*

PAULO ALVES DE SOUZA^{1,2},

MURILO RODOLFO DE LIMA² E

ANTONIO ROBERTO SAAD³

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹ Instituto Geológico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Av. Miguel Stéfano, 3900 – 04301-903 São Paulo, SP.

² Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, Instituto de Geociências, USP. C.P. 20899, 01498-970 São Paulo, SP.

³ IGCE-UNESP. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, C.P. 178, 13500 Rio Claro, SP.

Os níveis de carvão de Monte Mor, Buri e Cerquilho, presentes no Subgrupo Itararé no estado de São Paulo, são possuidores, junto com os sedimentos associados, de grande quantidade de megarrestos vegetais que, ao longo do tempo, têm sido objeto de inúmeros estudos, cujos resultados os têm posicionado, do mais velho para o mais novo, na ordem acima apresentada.

Quarenta e um taxa foram identificados nas associações presentes em amostras de carvão e siltito carbonoso de Monte Mor. Dentre estes, a presença dos gêneros *Plicatipollenites* Lele 1964 e *Potonieisporites* Bhardwaj 1954 permite seu enquadramento, grosso modo, no intervalo bioestratigráfico G-H₁ de Daemon & Quadros (Cong. Bras. Geol., 24, An..., 1970, p. 359-412), com idade compreendida entre o Estefaniano C (topo do Carbonífero) e o Sakmariano (base do Permiano). Uma idade permiana pode ser descartada devido à baixa diversidade e percentagem de grãos de pólen estriados na associação. Deve ser ressaltado que, comparativamente, o carvão de Monte Mor é então mais jovem que o de Buri, modificando consequentemente pontos de vista firmemente estabelecidos na literatura.

Do ponto de vista paleoambiental, a presença de elementos do paleomicroplâncton (acritarcas) sugere que

a deposição se deu em ambiente transicional, o que se encontra de acordo com a idéia de formação dos carvões em lobos deltaicos, já aventada para os níveis estudados.
— (8 de dezembro de 1992).

* Projeto realizado sob os auspícios da FAPESP (processo nº 89/0162-0).

ESTROMATÓLITOS COMO CLASTOS NO DIAMICTITO DA FORMAÇÃO JEQUITAI (900 Ma), MINAS GERAIS, BRASIL

THOMAS R. FAIRCHILD¹, ROLAND TROMPETTE² E ALEXANDRE UHLEIN³

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹ Instituto de Geociências, USP.

² ORSTOM/CNRS.

³ Departamento de Geologia, UFMG.

Estromatólitos ocorrem como clastos no diamictito da Formação Jequitaí (Supergrupo São Francisco, Neoproterozóico) na BR-365, próximo a Jequitaí, MG. Conhecidos de um calhau de 15 cm (dimensão maior) e de um seixo de 4 cm, os estromatólitos têm em comum: hábito colunar, diâmetro (1-3 cm), laminação moderadamente convexa, assinatura diagenética (recristalização incipiente, pirita), cor cinza e reação fraca a moderada a ácido diluído. A laminação no seixo foi obliterada, em parte, por silicificação secundária. No calhau, as colunas apresentam alturas de até 14 cm, ramificação divergente e, localmente, ligeira expansão para o topo.

O paraconglomerado contendo os clastos tem, no mínimo, 6 m de espessura. Exibe acamamento apenas incipiente, matriz heterogranular e baixa porcentagem de seixos e de clastos maiores. Parece ter-se formado por fluxo de massa subaquático, associado ao primeiro de dois episódios glaciais que ocorreram no Brasil entre 900 e 600 Ma atrás.

As semelhanças entre os estromatólitos sugerem uma origem comum para os dois clastos. Possíveis fontes dos estromatólitos ocorrem a 130-140 km a SE do local, na Serra do Espinhaço, na base do Grupo Macaúbas, crono-equivalente da Formação Jéquitaí, e a 250 km a O, na Faixa Brasília, entre Lagamar e Paracatu, MG, em rochas mesoproterozóicas do Grupo Paranoá e equivalentes. Embora marcas feitas pelas geleiras e o arranjo faciológico dos sedimentos